



UNIVERSIDADE D  
**COIMBRA**

Mariana Madaíl Lopes

**RELIGIÃO E HOMOFOBIA INTERNALIZADA  
EM PESSOAS LGBTQ+**

**Dissertação no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica Sistémica e da Saúde orientada pela Professora Doutora Luciana Maria Lopes Sotero e pelo Professor Doutor Jorge Gato apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.**

setembro de 2022

## Religião e Homofobia Internalizada em Pessoas LGBTQ+

**Resumo:** Numa sociedade em que permanecem a tradição e a moralidade de cariz religioso, os processos de mudança e afirmação de minorias sexuais e de género ainda se debatem com atitudes e comportamentos de desconfiança e repúdio. Neste sentido, procura-se estudar a relação entre posicionamento religioso e homofobia internalizada em pessoas LGBTQ+, em Portugal. Para tal, delineou-se uma investigação quantitativa, recorrendo à aplicação de um protocolo *online* em 116 participantes LGBTQ+. Explorou-se também a associação entre identidade positiva (e respetivas dimensões: autoconsciência, autenticidade, sentido de comunidade, intimidade e justiça social) e o posicionamento religioso; a abertura (à família, ao mundo e à comunidade religiosa) quanto à orientação sexual em função do posicionamento religioso e ainda a comparação em pessoas LGBTQ+ com e sem afiliação religiosa relativamente à centralidade religiosa e homofobia internalizada.

A amostra é maioritariamente composta por participantes não religiosos, verificando-se que na subamostra de participantes religiosos ( $n = 38$ ), 73.7% tem afiliação na religião católica ( $n = 28$ ). Os resultados obtidos sugerem diferenças estatisticamente significativas no que concerne à avaliação do grau de revelação da orientação sexual das pessoas LGBTQ+, verificando-se um maior grau de abertura nos participantes não religiosos. Também a escala de centralidade religiosa, que mede o impacto do conteúdo religioso na experiência subjetiva e no comportamento dos indivíduos, permite identificar diferenças estatisticamente significativas. Os participantes religiosos manifestam maior centralidade religiosa. Os resultados obtidos permitem ainda concluir que não existem diferenças significativas entre as duas subamostras, participantes religiosos e participantes não religiosos, no que respeita às dimensões de identidade positiva, abertura à família e abertura ao mundo.

Por fim, e no que concerne ao objetivo principal deste estudo, conclui-se que não são identificadas correlações estatisticamente significativas entre religião, ou posicionamento religioso, e homofobia internalizada. Os valores verificados na

subamostra de participantes religiosos e na subamostra de participantes não religiosos, sugerem que a religião não apresenta um impacto relevante na homofobia internalizada.

**Palavras-Chave:** Comunidade LGBTQ+; religião; homofobia internalizada; identidade positiva; abertura; centralidade religiosa.

### **Religion and Internalized Homophobia in LGBTQ+ Individuals**

**Abstract:** In a society where religious tradition and morality have left deep marks and the processes of change and affirmation of minorities struggle with attitudes and behaviors of distrust and repudiation, internal conflicts also develop. In this sense, we seek to study the relationship between religious positioning and internalized homophobia in LGBTQ+ individuals in Portugal. To this end, an investigation was outlined in a comparative perspective according to the religious position, using a questionnaire with 116 participants. We sought to explore the association between positive identity (and its dimensions of self-awareness, authenticity, sense of community, intimacy, and social justice); openness to their sexual orientation in the dimensions of family; world and religious community; religious centrality and internalized homophobia according to religious positioning.

In the sample mostly composed of non-religious participants, it is verified that in the universe of religious participants ( $n = 38$ ), 73.7% have religious affiliation in the catholic religion ( $n = 28$ ). The results suggest statistically significant differences in the dimension “openness to the religious community”, regarding the revelation of sexual orientation in LGBTQ+ individuals, where is showed a greater degree of openness in non-religious participants. Also, the scale of religious centrality, which measures the impact of religious content on the subjective experience and behavior of individuals, allows to identify statistically significant differences. Religious participants manifest greater religious centrality. The results obtained also allows us

to conclude that there are no significant differences between the two subsamples, religious participants, and non-religious participants, regarding the dimensions of positive identity, openness to the family and openness to the world.

Finally, and regarding the main objective of this study, it is concluded that no statistically significant correlations between religion, or religious positioning, and internalized homophobia are identified. The values verified in the subsample of religious participants and non-religious participants, suggest that religion does not have a relevant impact on internalized homophobia.

**Keywords:** LGBTI+ Community; religion; internalized homophobia; positive identity.



## ÍNDICE

Introdução.....	9
I. Enquadramento concetual.....	10
Da patologização à despatologização da homossexualidade.....	10
A comunidade LGBTQ+ em Portugal e na Europa.....	12
Preconceito, estigma e discriminação contra pessoas LGBTQ+.....	14
Modelo do stresse minoritário.....	15
Processo de <i>coming out</i> e <i>outness</i> .....	16
Homofobia internalizada.....	16
Religião, religiosidade e comunidade LGBTQ+.....	18
II. Objetivos.....	19
III. Metodologia.....	20
3.1. Procedimentos de recolha da amostra.....	20
3.2. Caracterização da amostra.....	21
3.3. Variáveis e instrumentos.....	23
3.3.1. Questionário Sociodemográfico.....	23
3.3.2. Identidade LGB positiva.....	23
3.3.3. Revelação da orientação sexual.....	24
3.3.4. Centralidade Religiosa.....	25
3.3.5. Escala de homofobia internalizada.....	25
3.4. Análise Estatística.....	26
IV. Resultados.....	27
4.1. Estatísticas Descritivas.....	27
4.2. Avaliação da identidade positiva em função do Posicionamento Religioso.....	29
4.3. Avaliação da abertura em função do posicionamento religioso.....	35
4.4. Avaliação da centralidade religiosa em função do posicionamento religioso.....	39

4.5. Avaliação da homofobia internalizada em função do posicionamento religioso	41
V. Discussão	42
5.1. Limitações	44
VI. Conclusão	44
Referências	46





## Introdução

Atualmente, a sigla LGBTQ+ descreve a comunidade que engloba pessoas que pelas suas características sexuais, orientação sexual e identidade de género não pertencem à norma cisgénero e heterossexual. e que tem acompanhado o reconhecimento e a inclusão na sociedade de diversas identidades sexuais e expressões de género. Assim, neste trabalho, a sigla LGBTQ+ é usada para designar Lésbica [L], Gay [G], Bissexual [B], Transgénero [T], e *Queer* [Q], significando o sinal [+] a abertura às diversas possibilidades de orientação sexual e identificação de género.

O retrato atual da situação das minorias sexuais e de género e dos direitos LGBTQ+ em Portugal, atendendo aos relatórios da *Fundamental Rights Agency* (FRA, 2020), e da Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexuais (Ilga, 2020), sugere um conjunto significativo de mudanças sociais e legais nos últimos anos. Todavia, o preconceito e a discriminação continuam a manifestar-se em contextos diversos (Gato, 2022) procurando-se um maior conhecimento do contexto social, valores e normas potenciadoras dessas situações.

Portugal, ainda que num curso de secularização, permanece um país de matriz Católica (Dix, 2010) e o contexto sociocultural português marcado por essa tradição religiosa com forte impacto nos valores e moralidade. Alguns estudos (Barnes & Meyer, 2012; Moleiro et al., 2013) mostram que ainda que as pessoas LGBTQ+ sejam geralmente menos religiosas do que a restante população, a dimensão religiosa e/ ou espiritual faz parte das suas vidas.

O presente trabalho tem por objetivo principal estudar a relação entre posicionamento religioso e homofobia internalizada em pessoas LGBTQ+ (pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans, *queer* e pertencentes a outras minorias sexuais e de género). Mais especificamente, procura avaliar como se relaciona o posicionamento religioso com a abertura, a identidade positiva, a centralidade religiosa e o impacto na homofobia internalizada.

Entendeu-se relevante, para melhor compreender o contexto sociocultural da comunidade LGBTQ+ em Portugal, avaliar os níveis de cada uma das variáveis em estudo, comparar cada uma das variáveis com as subamostras de participantes religiosos e participantes não religiosos e determinar a repercussão do conteúdo religioso no nível de aceitação da identidade por pessoas LGBTQ+, na experiência subjetiva e no comportamento dos indivíduos.

Este estudo pretende contribuir para um melhor conhecimento da realidade e uma melhor adequação das práticas e intervenção de psicólogos, associações governamentais e não governamentais a operar na área e na definição de políticas públicas.

## I. ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL

Apesar da despatologização da homossexualidade, o conflito vivido internamente entre os valores e normas sociais e os sentimentos e expressão da sexualidade das pessoas pertencentes a minorias sexuais e de género, pode desencadear, em alguns casos, a internalização do estigma, a homofobia internalizada, através de processos cognitivos e afetivos (Meyer, 2003). Neste âmbito, e antes da abordagem do modelo do stress minoritário e do processo de *coming out* e *outness*, afigura-se a pertinência do enquadramento da comunidade LGBTQ+ em Portugal, com referência ao contexto europeu. Por fim, trata-se especificamente os conceitos de homofobia internalizada, religião e comunidade LGBTQ+.

### **Da patologização à despatologização da homossexualidade**

Os estudos de Alfred Kinsey, em 1948, versando o comportamento sexual de homens, seguidos da publicação, em 1953, da sua obra sobre a sexualidade feminina (Herek, 2010), sustentaram que os comportamentos homossexuais são bastante frequentes, e que a preferência sexual e as experiências sexuais entre pessoas do mesmo sexo variam ao longo do ciclo de vida (Clarke et al., 2012). Face à diversidade e flexibilidade na sexualidade humana, Kinsey rejeitou a dicotomia da categorização “homossexual”, “heterossexual” e apresentou a noção de um *continuum* no que respeita à orientação e ao comportamento sexual, atendendo ao livre posicionamento de cada um (Clarke et al., 2012; Pereira et al., 2010). No mesmo sentido, os estudos de Ford e Beach sobre os padrões culturais do comportamento sexual, evidenciavam que o comportamento sexual homossexual é considerado

normal e socialmente aceite em várias sociedades e, ainda, que se manifesta em muitas espécies animais (Herek, 2010). Ainda nos anos 50, a psicóloga americana Evelyn Hooker, publicou o primeiro estudo comparativo, numa amostra não-clínica, do funcionamento psicológico de pessoas homossexuais e heterossexuais. Hooker e investigadores que se lhe seguiram, mostraram que não se identificam diferenças entre o ajustamento psicológico de pessoas heterossexuais e homossexuais, nem quaisquer indicadores de psicopatologia nas pessoas homossexuais (Herek, 2010). As pesquisas de Evelyn Hooker, e de teóricos sucedâneos, desempenharam um papel de relevo no ativismo na luta pelos direitos das pessoas homossexuais e proporcionaram o confronto direto com instituições e profissionais ligados à prática da Psiquiatria e da Psicologia, reclamando a revisão da conceção patológica da homossexualidade sob escrutínio e debate científico (Herek, 2010).

Ainda que os trabalhos antes referidos tenham proporcionado um avanço significativo, o evento determinante para a despatologização da orientação sexual homossexual teve lugar no início da década de 70, quando a *American Psychiatric Association* (APA) remove a homossexualidade do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (2<sup>nd</sup> Edition), de 1973 (DSM-II), definindo-a, ainda, como “distúrbio da orientação sexual” (Robertson, 2004), aplicando-se a “indivíduos cujos interesses sexuais estão primeiramente direcionados a pessoas do mesmo sexo e que estão ou perturbadas com isso, em conflito com isso, ou desejam mudar a sua orientação sexual” (APA, 1973, p.44) determinando que a homossexualidade, por si só, não constitui um distúrbio psiquiátrico.

Esta categoria viria a ser excluída do DMS-III-R (3<sup>a</sup> Edição Revista), em 1987, pois os dados empíricos não corroboravam o diagnóstico e os preconceitos culturalmente induzidos não podiam ser classificados como perturbação mental, sendo integrada na categoria “distúrbio sexual não especificado de outra forma” (Ritter & Terndrup, 2002).

A Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1991, que até então classificava a homossexualidade como uma “disfunção da heterossexualidade” (Vale de Almeida, 2010), retira a homossexualidade da sua lista de patologias. Somente em 1994, o DMS-IV, omite referências à homossexualidade.

Torna-se então mais consistente e consensual que a homossexualidade não é uma doença mental, e os pilares do heterossexismo e da justificação para o estigma

sexual são postos em causa (Herek, 2010). No contexto da despatologização, a psicologia LGBT faz emergir novas abordagens que procuram enfatizar a “normalidade” da homossexualidade e destacar as semelhanças entre homossexuais e heterossexuais (Clarke et al., 2010). Em 1984, a *American Psychiatric Association* aprovou a denominada *Division 44, The Society for the Psychological Study of Lesbian and Gay Issues*, estabelecendo a psicologia lésbica e gay como área legítima de pesquisa e prática psicológicas. Em 1998, a *British Psychological Society*, criou a *Lesbian & Gay Psychology Section*, atual *Psychology of Sexualities Section* (Clarke et al., 2010).

### **A comunidade LGBTQ+ em Portugal e na Europa**

No âmbito da abordagem da comunidade LGBTQ+ em Portugal, mostrou-se relevante uma breve contextualização a nível mundial e europeu.

De acordo com Belmonte (2021), em 2019, destaca-se pela negativa que 68 países criminalizassem ainda atos sexuais consensuais entre indivíduos do mesmo sexo e seis deles os condenassem com pena de morte; que trinta e dois países apresentassem princípios morais que cerceiam a liberdade de expressão no que respeita à orientação sexual e identidade de género, sob o epíteto de proteção da juventude ou leis de propaganda de promoção da homossexualidade e defesa da igualdade. Pela positiva, regista-se que 26 países tivessem legalizado o casamento entre casais do mesmo sexo e 63 apresentassem proteções não discriminatórias para com gays e lésbicas.

A nível europeu, os dados publicitados no mês de fevereiro de 2022 no Relatório Anual da ILGA *Europe* - Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexuais e os dados recolhidos pela FRA através de um inquérito *online* com 140.000 respondentes dos 28 países da União Europeia, reportando a 2019, contribuem significativamente para contextualizar a comunidade LGBTQ+ na sociedade portuguesa.

O Relatório de 2021 da ILGA *Europe* permite concluir que, se por um lado, o discurso de ódio anti LGBTQ+ tem crescido entre alguns líderes e representações políticas, por outro lado, as instituições europeias e muitos governos nacionais têm desenvolvido medidas de proteção dos direitos e das vidas das pessoas LGBTQ+.

Num total de 49 países europeus, Portugal ocupa o sétimo lugar no que respeita à consecução dos objetivos traçados para com os Direitos Humanos LGBTQ+. Regista-se que na dimensão igualdade e não-discriminação, que contempla a Constituição, contratação e empregabilidade, educação, igualdade no exercício de cargos públicos, lei de expressão de género e doação de sangue, são notórias as medidas implementadas, faltando, ainda assim, um considerável avanço nos campos da saúde, terapia de conversão e planos de ação igualitária. No que concerne à família, regista-se a igualdade no casamento, coabitação, a não limitação constitucional no casamento e adoção, por exemplo, sendo ainda necessário investir, no reconhecimento de parentalidade transsexual. Na categoria de crimes e discursos de ódio, mostra-se necessário investir em políticas e leis que visem o combate a práticas de ódio que visem a identidade de género e intersexo. Por fim, no âmbito do reconhecimento legal de género e integridade corporal, considera-se positivamente a existência de medidas legais e procedimentos administrativos como a mudança de nome, autodeterminação sem que seja necessária uma opinião profissional de um psicólogo ou diagnóstico prévio quanto a possíveis distúrbios de identidade de género.

No mesmo sentido os dados da FRA relativos a 2019, evidenciam que em Portugal, e no que respeita à visibilidade da orientação sexual de cada pessoa, 57% dos/as respondentes disse evitar quase sempre ou sempre dar a mão à/ao parceiro/a do mesmo sexo. Quanto à disposição para se identificar abertamente como pessoa LGBTQ+, 36% afirma estar quase sempre ou sempre aberto a fazê-lo, estando este valor abaixo da média União Europeia que se situa nos 47% (FRA, 2019).

Relativamente à discriminação, sentida no dia-a-dia em situações como a ida a restaurantes, hospitais e espaços comerciais, constata-se que no ano de 2019, em Portugal, 40% das pessoas LGBTQ+ sentiram-se discriminadas, face às suas características sexuais, orientação sexual ou identidade de género, em pelo menos uma área da sua vida, sendo que no local de trabalho, o valor é de 20%. Regista-se ainda que 8% reportou à Polícia ou Organizações de Defesa de Direitos Humanos, experiências de discriminação motivadas por ódio.

Ainda no contexto português, 30% dos/as respondentes deram conta de assédio e atos de violência, sendo que apenas 14% reportou a entidades policiais ataques físicos ou sexuais. Quanto à perceção de intolerância e preconceito, registam-se

indicadores positivos, pois 68% afirmou que o preconceito e a intolerância diminuíram nos últimos 5 anos e apenas 8% afirmou o contrário.

Por fim, 56% dos/as participantes portuguesas/as, acredita que o governo nacional combate de forma eficaz o preconceito e intolerância contra pessoas LGBTQ+, estando este resultado acima da média de 33% da UE.

Em suma, a contextualização da comunidade LGBTQ+ na sociedade portuguesa e no horizonte europeu, permite concluir pela existência de um conjunto de medidas promotoras de um clima de segurança e respeito pelas pessoas LGBTQ+. Todavia, e a par destas medidas positivas, constata-se que o valor relativo à disposição para admitir ser LGBTQ+ está abaixo da média da EU. Afigura-se a necessidade de reforçar e alargar a proteção a nível legal e, de um modo mais abrangente, investir na construção de um contexto social seguro conducente à afirmação de cada um.

### **Preconceito, estigma e discriminação contra pessoas LGBTQ+**

As pessoas LGBTQ+ foram, e continuam a ser, alvo de graves discriminações atentatórias dos seus direitos e liberdades fundamentais, quer por ignorância quer por preconceito relativamente a esta dimensão da identidade humana. Frequentemente as pessoas LGBTQ+ são sujeitas a situações de opressão, de desigualdade e de violência, as quais põem em causa a sua saúde física, psicológica, sexual e reprodutiva, e social (Ordem dos Psicólogos, 2017).

É consensual que o preconceito resulta de uma antipatia, ou expressão de emoções negativas em relação a um determinado grupo associada a um estereótipo ou pré-julgamento acerca de um grupo ou dos seus membros (Plous, 2003; Quillian, 2006). Já o estigma pode ser entendido como uma atitude social negativa associada a uma característica de um indivíduo, para além da desaprovação pode levar à discriminação de exclusão do indivíduo (APA, 2015). O estigma sexual prende-se com uma atitude negativa perante uma identidade, comunidade, comportamento ou relação não-heterossexual, decorrendo da conceção partilhada socialmente da heterossexualidade como superior à homossexualidade (Herek 2009).

Há ainda a considerar a distinção entre o estigma sentido e o estigma internalizado. O primeiro, diz respeito à tomada de consciência de que existe um estigma sexual que o condena e que afeta o seu comportamento, procurando o

evitamento de situações que o possam desencadear. Também por isso as pessoas pertencentes a minorias sexuais, fazem uma gestão criteriosa do que podem dar a conhecer de si mesmas, na tentativa de se precaverem de eventuais reações negativas face à sua identidade ou orientação sexual (Herek, 2009). Já o estigma internalizado, diz respeito à aceitação e integração do próprio estigma no sistema de crenças e no autoconceito de pessoas pertencentes a minorias. A pessoa aceita a desvalorização do grupo estigmatizado a que pertence, implicando a aceitação negativa que a sociedade faz e levando à adoção de comportamentos negativos para consigo e para com os desejos homossexuais. Estas atitudes podem levar a pessoa a renunciar à sua homossexualidade e desenvolver o desejo de ser heterossexual (Herek, 2009).

Apesar da afirmação de que orientações lésbicas, *gays* e bissexuais (LGB) fazem parte da diversidade da sexualidade humana, as pessoas LGB deparam-se frequentemente com desafios específicos que advêm do preconceito, discriminação e violência a que estão potencialmente sujeitas. São estas experiências de vitimação, e não a orientação sexual *per se*, que poderão estar associadas ao sofrimento psicológico (Ordem dos Psicólogos, 2017).

### **Modelo do stresse minoritário**

Para além das situações geradoras de stresse geral, as pessoas LGBTI+ apresentam um risco acrescido de perturbação mental ao estarem expostas a situações geradoras de stresse específicas como problemas relacionados com o preconceito, o estigma e a discriminação face às suas características sexuais, orientação sexual e expressão e identidade de género (Hendricks & Testa, 2012; Meyer, 2003, 2015). A este ambiente social stressante e à conseqüente possibilidade de desencadear um maior número de casos de saúde mental, atribui-se a designação de “stresse minoritário”. O modelo do stress minoritário assenta, precisamente, no princípio de que o estigma e o preconceito contra pessoas LGBTI+ provocam stressores específicos que, por sua vez, desencadeiam respostas prejudiciais à saúde física e mental (Meyer, 2003; 2015).

Este modelo evidencia que os processos de stresse minoritário são compreendidos ao longo de um *continuum* que contempla quer situações geradoras de stresse distal quer situações geradoras de stresse proximal. O stresse distal remete

para eventos externos à pessoa, como episódios diários de discriminação, microagressões, vitimização, crimes de ódio, tentativas de mudança da orientação sexual e da identidade de género. O stress proximal reporta a situações experienciadas pela pessoa em que há uma internalização do estigma via processos cognitivos e afetivo, considerando-se a LGBT-fobia internalizada, a expectativa de rejeição, a antecipação do estigma e a ocultação da identidade sexual e/ou identidade de género (Meyer, 2003; 2015).

### **Processo de *coming out* e *outness***

O *coming out* refere-se ao assumir da identidade sexual (Rosário et al., 2006; Pereira & Leal, 2005) podendo ser descrito como um processo através do qual as pessoas pertencentes a grupos LGBTQ+ se reconhecem como diferentes, atribuem significado a essa diferença, e revelam à família, ao círculo de amigos e sociedade em geral a sua orientação sexual ou identidade de género. Ainda que em alguns casos se trate de uma autodescoberta, experienciada de forma relativamente simples, de um modo geral constitui-se como um processo complexo no decorrer do qual as pessoas não heterossexuais enfrentam desafios a nível individual e a nível social (Frazão & Rosário, 2008).

O conceito de *outness* diz respeito, especificamente, à revelação e à ocultação da orientação sexual, isto é, ao grau de abertura de uma pessoa LGBTQ+ quanto à sua sexualidade (Meidlinger & Hope, 2014), ao que os outros sabem acerca da sua orientação sexual.

### **Homofobia internalizada**

O termo surge na literatura psicológica com Smith, nos anos 70, para descrever uma aversão de carácter psicológico à homossexualidade, sendo popularizada por Weinberg (1973), designando o pânico de partilhar um mesmo espaço com homossexuais, bem como, no caso dos próprios homossexuais, expressando autoaversão. Neste sentido, a homofobia era entendida como uma espécie de medo irracional que os heterossexuais poderiam experienciar relativamente às pessoas homossexuais, bem como o autodesprezo que lésbicas e



*gays* poderiam sentir por si próprios (Gato, 2011). A não-consensualidade quanto ao conceito de homofobia e críticas como o facto de sugerir que a hostilidade contra pessoas homossexuais representa uma fobia, uma condição clínica, e não um fenómeno social, semelhante ao racismo e ao antissemitismo, levaram à sua redefinição e ao surgimento de um novo conceito, amplamente aceite, denominado heterossexismo (Herek, 2000). A homofobia, de acordo com Junqueira (2007), constitui um fenómeno intrinsecamente relacionado com questões de género, valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crenças e de representação, padrões relacionais e identitários, com o propósito de tornar natural, impor e legitimar uma única sequência de sexo-género-sexualidade, centrada na heterossexualidade e regida por normas de género.

O heterossexismo, definido como a promoção de um estilo de vida heterossexual em detrimento do estilo de vida homossexual, é gerador de marginalização da existência e da experiência de pessoas não-heterossexuais, no campo individual e institucional (Samis, 1995). O heterossexismo constitui-se como a afirmação clara e direta de que o mundo “deveria ser” exclusivamente heterossexual (Alden & Parker, 2005), considerando todos os sistemas que incitam à antipatia para com pessoas não-heterossexuais e sistemas que justificam a hostilidade, a discriminação e a violência sempre que apropriadas e necessárias (Herek, 2004). O heterossexismo, afirma ainda o autor, legitima a existência de relações hierárquicas de poder e de estatuto que veem a homossexualidade como inferior à heterossexualidade, classifica todos os que integram as comunidades LGBT, e as relações que estabelecem, como doentes, invisíveis, imorais, criminosas, desviantes (Herek, 2004).

Face ao exposto, pode afirmar-se que ambos os conceitos, heterossexismo e homofobia, surgem enraizados em padrões normativos de comportamento que distinguem “normal” e “desviante” e na forma como estes padrões atuam na objetificação e vitimização das minorias sociais e dos grupos marginalizados (Samis, 1995). Neste sentido, é amplamente considerado que o heterossexismo descreve uma ideologia cultural veiculada pelas instituições sociais, assentando a homofobia nas atitudes e nas ações individuais que derivam dessa mesma ideologia (Herek, 2004; Rios, 2009).

Como descrito por Meyer e Dean (1998), a homofobia internalizada representa a canalização de todas as atitudes de valor negativo relativas à homossexualidade para o *self* do próprio homossexual, levando à desvalorização desse *self*, resultando em conflitos internos e baixa autoestima e, na sua forma mais extrema, na rejeição da sua orientação sexual. Este conceito assume extrema importância, uma vez que permite a compreensão de fatores únicos da comunidade LGBTQ+, bem como os contextos sociais e culturais que sustentam essa opressão e a hostilidade com base na orientação sexual (Herek, 2004). O heterossexismo constitui-se um promotor de desigualdade quer ao presumir que todas as pessoas são heterossexuais, relegando as pessoas LGBTQ+ para a invisibilidade na maior parte das situações, quer ao permitir que, quando as pessoas com uma orientação não heterossexual se tornam visíveis, sejam discriminadas (Gato, 2011).

### **Religião, religiosidade e comunidade LGBTQ+**

Os conceitos de religião e religiosidade, embora distintos, não podem ser pensados como realidades dissociadas. Se o conceito de religião se prende com um sistema de dogmas, crenças e rituais, assumindo, portanto, uma dimensão institucional e doutrinária, a religiosidade encontra-se numa dimensão essencialmente experiencial. Barnes (2012) enuncia diversos estudos norte americanos que têm associado a religiosidade a melhores resultados de saúde mental (Ano & Vasconcelles, 2005; Ellison et al., 2001; Smith et al., 2003), evidenciando que múltiplas manifestações de religiosidade têm efeitos salutareos na saúde mental, incluindo menos depressão e sofrimento psicológico ( Chatters et al., 2008 ; Ellison, 1995; Ellison & Flannelly, 2009 ; Hettler & Cohen, 1998; van Olphen et al., 2003), e maior satisfação com a vida, felicidade pessoal e bem-estar psicológico ( Ellison, 1991; Krause, 2004; Ellison et al., 2001; Witter, et al., 1985).

Neste contexto, questiona-se se a religiosidade estará associada a melhores resultados de saúde mental na comunidade LGBTQ+. Se, por um lado, a religiosidade parece ter um efeito salutogénico generalizado, por outro lado, um ambiente social caracterizado pela rejeição e estigma tem um efeito patogénico ( Meyer, 2003 ).

Em termos de contexto social e cultural, o impacto da religião católica em Portugal é evidente. De acordo com o estudo de Teixeira (2019), as instituições cristãs foram determinantes na construção de mundividências, nos processos de reprodução social bem como na constituição de modelos normativos com incidência nas civilidades e moralidades familiares. Neste panorama juntam-se problemas específicos da sociedade portuguesa, como a elevada taxa de analfabetismo até meados do século XX. A unidade e coesão da nação portuguesa assentavam na família e na vivência religiosa e em modalidades de regulação social a partir de um funcionamento concêntrico das instituições políticas e religiosas. Apesar de se manter o peso de uma socialização primária católica na população portuguesa e a manutenção de um catolicismo cultural, a participação em ritos identificadores diminui tendencialmente ao longo da adolescência até à idade de jovens adultos (Teixeira, 2019). Ainda de acordo com Teixeira, (2019), destaca-se para o presente trabalho, a afirmação de uma tradição portuguesa e moralidade arraigadas numa mundividência de cariz religioso em que os processos de mudança vão sendo expressos em atitudes e comportamentos de desconfiança e repúdio face ao que não se enquadra nos princípios veiculados. Na sociedade portuguesa, nos últimos duzentos anos, sobrepõem-se as esferas seculares e as esferas religiosas, não existindo linearidade nos processos da secularização (Dix, 2010).

## **II. OBJETIVOS**

Este trabalho tem por objetivo principal estudar a relação entre posicionamento religioso e homofobia internalizada em pessoas LGBTQ+.

Para responder ao objetivo geral, estabeleceram-se as seguintes questões de investigação:

- 1) Em que medida o posicionamento religioso tem influência na identidade positiva (dimensões autoconsciência, autenticidade, sentido de comunidade, intimidade e justiça social).
- 2) Em que medida o posicionamento religioso tem impacto na abertura à orientação sexual (dimensões de família, mundo e comunidade religiosa).

3) Em que medida o posicionamento religioso tem impacto na centralidade religiosa.

Apresentam-se as seguintes hipóteses:

- (H1) Existe uma maior representatividade na amostra de pessoas sem afiliação religiosa do que pessoas com afiliação religiosa.
- (H2) Existe uma maior representatividade na subamostra de pessoas religiosas cuja afiliação é católica.
- (H3a) A identidade positiva dos indivíduos LGBTQ+ é afetada pela religião, (H3b) na dimensão de sentido da comunidade, (H3c) na dimensão de intimidade.
- (H4a) A abertura quanto à orientação sexual é superior nos indivíduos não religiosos do que nos indivíduos religiosos, (H4b) na dimensão de abertura à família, (H4c), na dimensão de abertura ao mundo, (H4d) na dimensão de abertura à comunidade.
- (H5) A centralidade religiosa é superior nos indivíduos religiosos do que nos indivíduos não religiosos.
- (H6) A religião e/ou espiritualidade fazem parte da vida de indivíduos não religiosos.
- (H7) A homofobia internalizada é superior em indivíduos religiosos do que em indivíduos não religiosos.

### III. METODOLOGIA

Nesta secção procede-se à exposição da metodologia do estudo empírico realizado, apresentando uma caracterização da amostra, dos instrumentos e o procedimento seguido na recolha e tratamento dos dados.

#### 3.1. Procedimentos de recolha da amostra

O presente estudo parte do projeto de investigação transcultural “Sexual and Gender Minorities and Intimate Relationships”, coordenado pela Professora Ashley Randall (Universidade do Estado do Arizona, Estados Unidos da América), cujo objetivo principal é analisar dinâmicas relacionais em casais do mesmo sexo. Em Portugal, um dos dezoito países envolvidos, o projeto é liderado pela Professora Ana

Paula Relvas. (Universidade de Coimbra), formando equipa com a Professora Luciana Sotero (Universidade de Coimbra), Professor Jorge Gato (Universidade do Porto), e Professora Alda Portugal (Universidade da Madeira). Assim, existia já um protocolo pré-definido com os seguintes critérios de inclusão: (1) ter pelo menos 18 anos de idade; (2) identificar-se com uma minoria sexual ou de género (indivíduo LGBTQ+); e (3) ser residente em Portugal. O consentimento informado foi apresentado com o objetivo de elucidar os/as participantes quanto ao objetivo geral do estudo, o anonimato e a confidencialidade das suas respostas, assim como a natureza voluntária da sua participação. Numa fase prévia à aplicação do protocolo de investigação *online*, o protocolo foi alvo de um processo de reflexão falada, registando-se os seguintes aspetos: (1) a média de tempo de resposta; (2) observações na introdução ao protocolo, especificamente na clarificação do objetivo e instruções; (3) observação nos itens do questionário no que trata à sua clareza, adequação e redundância; e (4) sugestões para reformulação. Posto isto, o protocolo de investigação *online* foi criado, através do programa *Qualtrics*. O processo de recolha de dados decorreu entre junho e novembro de 2021, através de uma amostra de conveniência e do método de amostragem em bola de neve, baseando-se na disseminação do estudo em diversas plataformas de redes sociais (e.g., *Facebook* e *Instagram*) e com o apoio de associações focadas nos direitos LGBTQ+.

### 3.2. Caracterização da amostra

A amostra deste estudo é constituída por 116 respondentes ( $n = 116$ ) com idades compreendidas entre os 18 e os 71 anos ( $M = 33.23$ ;  $DP = 12.21$ ). Na amostra total, 50% dos participantes ( $n = 58$ ) encontra-se entre os 18 e os 29 anos de idade. Verifica-se também a existência de respondentes de quatro gerações, ainda que 50% dos respondentes ( $n = 58$ ) tenha idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos.

O nível de educação dos participantes situa-se, na maioria, na frequência de um nível de educação superior. No que respeita ao estado de relação, a amostra encontra-se distribuída uniformemente entre os respondentes que se encontram numa relação e os que não se encontram numa relação. Quanto ao sexo atribuído à nascença, a maior parte dos participantes são do sexo masculino ( $n = 65$ ) e no que concerne à orientação sexual e identidade de género, a maior parte dos participantes é *gay* e *cis*,

respetivamente. A maioria dos participantes afirma-se “não religioso” ( $n = 78$ ), correspondendo a 67.2% da amostra.

A descrição da amostra é apresentada na Tabela 1.

**Tabela 1**

*Caracterização da amostra: variáveis sociodemográficas*

		<i>n</i>	Porcentagem %
Idade	18-29	58	49.2
	30-45	33	28
	46-60	22	18.6
	61 ≥	2	1.7
Nível de Escolaridade	Até ao ensino secundário	23	19.8
	Ensino secundário	6	5.2
	Formação profissional	6	5.2
	Frequência universitária	5	4.3
	Licenciatura	47	40.5
	Estudos pós-licenciatura	29	25
Relacionamento	Sim	54	46.6
	Não	62	53.4
Identidade de género	Cis	87	75
	Trans e não-binário	29	25
Orientação sexual	Gay	50	43.1
	Bissexual	26	22.4
	Pansexual	16	13.8
	Lésbica	13	11.2
	Queer	8	6.9
	Heterossexual	2	1.7
	Outra	1	.9
Sexo atribuído à nascença (cis)	Masculino	65	56
	Feminino	51	43.9
Posicionamento religioso	Religioso	38	32.2
	Não religioso	78	67.2
Crença religiosa	Protestante	1	.8
	Católica	28	23.7

	<i>n</i>	Percentagem %
Judaica	1	.8
Budista	1	.8
Hindu	1	.8
Outra	6	5.1

### 3.3. Variáveis e instrumentos

Este estudo seguiu um protocolo de investigação constituído por um questionário sociodemográfico e quatro instrumentos distintos com o objetivo de avaliar as seguintes variáveis: (1) identidade LGBTQ+ positiva; (2) revelação da orientação sexual; (3) centralidade religiosa e (4) homofobia internalizada.

#### 3.3.1. Questionário Sociodemográfico

Este questionário contemplou questões que visam a caracterização da amostra, nomeadamente: idade, educação, relacionamento, identidade de género, orientação sexual, sexo atribuído à nascença, posicionamento religioso e crença religiosa.

#### 3.3.2. Identidade LGB positiva

A identidade LGB positiva foi avaliada através do *Lesbian, Gay and Bisexual Positive Identity Measure* (LGB-PIM; Riggle, et al., 2014), composto por 25 itens que formam 5 subescalas: (1) autoconsciência (itens 1, 2, 3, 4, 5), (2) autenticidade (6, 7, 8, 9, 10), (3) sentido de comunidade (11, 12, 13, 14, 15), (4) intimidade (16, 17, 18, 19, 20) e (5) justiça social (itens 2, 22, 23, 24, 25). Esta escala avalia, de modo geral, o nível de aceitação da identidade LGB positiva. Os itens são avaliados numa escala do tipo Likert de 1 (*Discordo totalmente*) a 7 (*Concordo totalmente*). As respostas aos itens refletem a capacidade de sentir emoções e pensamentos positivos, de se sentir bem consigo mesmo e de se identificar como pessoa lésbica, *gay* ou bissexual. Os resultados expressos em valores mais elevados correspondem a um maior nível de aceitação da identidade LGB positiva.

O estudo original apresenta uma boa consistência interna ( $\alpha = .90$ ) (Riggle et al., 2014). No presente estudo, o instrumento LGB PIM apresenta igualmente boa consistência interna ( $\alpha = .89$ ), assim como as suas subescalas: (1) Autoconsciência ( $\alpha = .84$ ); (2) Autenticidade ( $\alpha = .73$ ); (3) Sentido de Comunidade ( $\alpha = .91$ ); (4) Intimidade ( $\alpha = .73$ ) e (5) Justiça Social ( $\alpha = .71$ ).

### 3.3.3. Revelação da orientação sexual

O *Outness Inventory* (Mohr & Fassinger, 2000), ou Inventário de Abertura, é uma escala de onze itens, que visa avaliar o grau de revelação da orientação sexual de pessoas LGTBQ+. O presente inventário é composto por 10 itens através dos quais é possível avaliar o grau de revelação da orientação sexual dos participantes em três dimensões da sua vida: (1) abertura à família, (2) abertura ao mundo e (3) abertura à comunidade religiosa. A primeira dimensão, abertura à família, mede até que ponto a orientação sexual do indivíduo é conhecida e abertamente falada com os membros da família (itens 1, 2, 3 e 4). A segunda, abertura ao mundo, mede até que ponto a orientação sexual do indivíduo é conhecida e abertamente falada com novos amigos, amigos heterossexuais, colegas e estranhos (itens 5, 6, 7 e 10). Por fim, a subescala sobre a abertura à comunidade religiosa mede até que ponto a orientação sexual do indivíduo é conhecida e abertamente falada com membros e líderes da sua religião e comunidade religiosa (itens 8 e 9).

Cada item é medido através de uma escala do tipo Likert de 1 (*A pessoa definitivamente não sabe da minha orientação sexual*) a 7 (*A pessoa definitivamente sabe do estado da minha orientação sexual e o assunto é abertamente falado*), incluindo uma opção NA (*Não aplicável à sua situação; não há tal pessoa ou grupo de pessoas na sua vida*), caso a situação não seja aplicável à pessoa.

As respostas aos itens refletem a revelação da orientação sexual, o grau em que a orientação sexual da pessoa é conhecida e debatida abertamente. Os resultados que apresentam valores mais elevados correspondem a um maior nível de abertura.

No estudo original o Inventário de Abertura possui uma boa consistência interna nas suas três dimensões: (1) abertura à família ( $\alpha = .74$ ); (2) abertura ao mundo ( $\alpha = .79$ ) e (3) abertura à comunidade religiosa ( $\alpha = .91$ ) (Mohr, & Fassinger, 2000). O presente estudo apresenta de igual forma uma boa consistência interna total ( $\alpha =$



.74), assim como as suas dimensões (2) abertura ao mundo ( $\alpha = .75$ ) e (3) abertura à comunidade religiosa ( $\alpha = .98$ ). A dimensão (1) abertura à família ( $\alpha = .64$ ) apresenta uma consistência moderada.

### 3.3.4. Centralidade Religiosa

A religiosidade foi avaliada pela *Centrality of Religiosity Scale* (CRS; Huber & Huber, 2012), ou Escala de Centralidade da Religiosidade. A CRS é usada para medir o impacto do conteúdo religioso na experiência subjetiva e no comportamento dos indivíduos.

A CRS tem diferentes versões que diferem no alcance e âmbito de aplicabilidade inter-religiosa. A versão utilizada no presente estudo foi a versão CRSi-7 que considera as várias religiões e contempla cinco questões adicionais para refletir o padrão participativo de espiritualidade (Huber & Huber, 2012).

O item CRSi1 corresponde à questão “quão frequentemente pensa em problemáticas religiosas”; o item CRSi2 corresponde a “até que ponto acredita que Deus/ Deuses ou algo divino existe”; o item CRSi3 corresponde a “quão frequentemente participa em serviços/cerimônias religiosas”; o item CRSi4 corresponde a “quão frequentemente reza ou medita”; e o item CRSi5 corresponde a “quão frequentemente experiencia situações em que tem a sensação de que Deus ou algo de divino intervém na sua vida”.

É usada uma escala de 1 (*Nunca*) a 5 (*Muito frequentemente*). Os resultados expressos em valores mais elevados evidenciam uma presença clara dos significados religiosos.

No estudo original há uma boa consistência interna ( $\alpha = .84$ ) (Huber & Huber, 2012). No presente estudo a consistência interna do CRSI-7 é também boa ( $\alpha = .88$ ).

### 3.3.5. Escala de homofobia internalizada

A *Internalized Homophobia Scale* (IHP; Meyer & Dean, 1998), escala de avaliação da homofobia internalizada, pretende avaliar até que ponto as pessoas LGBTQ+ rejeitam a sua orientação sexual, estão desconfortáveis com os seus desejos pelo mesmo sexo e procuram evitar sentir atração pelo mesmo sexo.

O instrumento original contempla 9 itens, tendo sido utilizada neste estudo uma versão reduzida de 5 itens em que o item IHP1 corresponde a “no geral, tentei parar de me sentir atraído pelo mesmo gênero e o item IHP5 corresponde a “gostaria de obter ajuda profissional de modo a mudar a minha orientação sexual para hétero”.

É usada uma escala de tipo Likert com 5 níveis de concordância (1= *discordo totalmente* a 5= *concordo totalmente*), correspondendo os resultados menos elevados a um menor grau de homofobia internalizada.

No estudo original o IHP apresentou uma boa consistência interna ( $\alpha = .79$ ) (Meyer & Dean, 1998). No estudo presente a consistência interna é similarmente boa ( $\alpha = .75$ ).

### 3.4. Análise Estatística

Após conclusão da recolha de dados, procedeu-se à análise dos dados através do programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS, versão 27, 2020)* que permitiu realizar a descrição e análise globais dos dados sociodemográficos e das variáveis em estudo, através de medidas descritivas básicas, como a frequência ( $f$ ), a média ( $M$ ) e o desvio padrão ( $DP$ ).

Para cada um dos instrumentos, particularmente para as suas dimensões e escala total, recorreu-se à análise da consistência interna, com recurso ao alfa de *Cronbach*, de forma a verificar a sua fiabilidade. Subsequentemente, a normalidade da distribuição dos dados recolhidos foi verificada através de indicadores como a curtose e assimetria realizando-se depois as estatísticas descritivas.

Especificamente, realizaram-se testes  $t$  de *Student* para amostras independentes, de modo a comparar a identidade positiva, abertura, centralidade religiosa e homofobia internalizada nas subamostras de participantes religiosos e não religiosos.

Por fim, foi realizado o teste do Qui-quadrado da independência para avaliar da associação entre variáveis. Foram testadas as associações entre cada uma das subamostras e as variáveis de identidade positiva, nas dimensões de autoconsciência, autenticidade, sentido de comunidade, intimidade e justiça social; abertura, nas dimensões de abertura à família, abertura ao mundo e abertura à comunidade religiosa; centralidade religiosa e homofobia internalizada.

## IV. RESULTADOS

Neste ponto serão descritos os resultados das análises estatísticas realizadas.

### 4.1. Estatísticas Descritivas

Com o propósito de facilitar a leitura dos dados, a amostra total foi dividida em duas subamostras, participantes não religiosos e participantes religiosos. As variáveis foram agrupadas em intervalos (classes). Para a identidade positiva, a avaliação foi realizada através dos intervalos de respostas de 1 (respostas de 1 a 3: discordo totalmente a discordo até certo ponto); 2 (resposta 4: não concordo nem discordo) a 3 (intervalo de respostas de 5 a 7: concordo até certo ponto a concordo totalmente); no que respeita à abertura, os intervalos de respostas correspondem a 0 (não se aplica à minha situação); 1 (respostas de 1 a 4: esta pessoa definitivamente não conhece a sua orientação sexual a esta pessoa provavelmente conhece a sua orientação sexual mas raramente se fala sobre isso); 3 (intervalo de respostas de 5 a 7: esta pessoa definitivamente conhece a sua orientação sexual mas raramente se fala sobre isso a esta pessoa definitivamente conhece a sua orientação sexual e fala-se abertamente sobre isso). Quanto à centralidade religiosa, os intervalos de respostas correspondem a 1 (respostas de 1 a 2: não religiosos) e 2 (intervalo de respostas de 2.1 a 5: religiosos). A homofobia internalizada foi avaliada através dos intervalos de respostas 1 (respostas de 1 a 2: de discordo totalmente a discordo), 2 (resposta 3: não concordo nem discordo) e 3 (intervalo de respostas de 4 a 5: de concordo a concordo totalmente).

As estatísticas descritivas de todas as variáveis e instrumentos no que respeita aos participantes não religiosos, são apresentadas na Tabela 2. Os indicadores de assimetria ( $Sk$ ) e curtose ( $Ku$ ) sugerem que as variáveis e instrumentos têm uma distribuição maioritariamente assimétrica e uma curva mesocúrtica, exceto nas dimensões de Identidade Positiva: (1) Autoconsciência, (2) Autenticidade e (3) Justiça Social e nos instrumentos Centralidade Religiosa e Homofobia Internalizada, que apresentam uma curva leptocúrtica.

**Tabela 2***Estatísticas descritivas de todas as variáveis e instrumentos: participantes não religiosos*

Variáveis e Instrumentos	<i>Sk</i>	<i>Ku</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Identidade Positiva - Autoconsciência	-2.07	3.76	1.00	3.00	2.78	.45
Identidade Positiva - Autenticidade	-4.04	17.25	1.00	3.00	2.90	.35
Identidade Positiva - Sentido de Comunidade	-1.04	-.29	1.00	3.00	2.48	.72
Identidade Positiva - Intimidade	-1.52	1.23	1.00	3.00	2.63	.62
Identidade Positiva - Justiça Social	-3.24	9.44	1.00	3.00	2.84	.50
Abertura -Família	.35	.99	1.00	3.00	2.13	.48
Abertura -Mundo	.21	.18	1.00	3.00	2.19	.52
Abertura -Comunidade Religiosa	2.20	2.97	1.00	3.00	1.13	.34
Centralidade Religiosa	2.48	4.31	1.00	2.00	1.11	.32
Homofobia Internalizada	3.53	13.00	1.00	3.00	1.11	.37

Já na Tabela 3, e no que respeita aos participantes com Posicionamento Religioso: Religiosos, os indicadores de assimetria (*Sk*) e curtose (*Ku*) sugerem que as variáveis e instrumentos têm uma distribuição igualmente assimétrica e simétrica e uma curva mesocúrtica, considerando as exceções verificadas nas dimensões da Identidade Positiva: (1) Autenticidade e (2) Justiça Social; e nos instrumentos Centralidade Religiosa e Homofobia Internalizada que apresentam uma curva leptocúrtica.

**Tabela 3***Estatísticas descritivas de todas as variáveis e instrumentos: participantes religiosos*

Variáveis e Instrumentos	<i>Sk</i>	<i>Ku</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Identidade Positiva - Autoconsciência	-2.06	2.71	1.00	3.00	2.69	.70
Identidade Positiva - Autenticidade	-3.71	13.96	1.00	3.00	2.86	.45

Variáveis e Instrumentos	<i>Sk</i>	<i>Ku</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Identidade Positiva - Sentido de Comunidade	-.78	-1.27	1.00	3.00	2.34	.88
Identidade Positiva - Intimidade	-.45	-.61	1.00	3.00	2.43	.58
Identidade Positiva - Justiça Social	-2.06	3.82	1.00	3.00	2.73	.54
Abertura -Família	.17	-.18	1.00	3.00	2.26	.54
Abertura -Mundo	1.46	.16	1.00	3.00	2.21	.42
Abertura -Comunidade Religiosa	.72	-.89	1.00	3.00	1.65	.77
Centralidade Religiosa	-2.35	3.85	1.00	2.00	1.86	.34
Homofobia Internalizada	3.14	8.60	1.00	3.00	1.08	.28

#### 4.2. Avaliação da identidade positiva em função do Posicionamento Religioso

A descrição detalhada das diferenças em cada uma das dimensões da identidade positiva em função do posicionamento religioso, é apresentada na Tabela 4.

**Tabela 4**

*Avaliação da Identidade Positiva em função do Posicionamento Religioso*

<i>Dimensões</i>	<i>Posicionamento Religioso</i>	<i>n</i>	<i>M</i>	<i>df</i>	<i>p</i>
Autoconsciência	Não religioso	73	2.80	107	.57
	Religioso	36	2.75		
Autenticidade	Não religioso	74	2.86	108	.54
	Religioso	36	2.91		
Sentido de Comunidade	Não religioso	73	2.43	106	.90
	Religioso	35	2.45		
Intimidade	Não religioso	74	2.64	107	.09
	Religioso	35	2.42		
Justiça Social	Não religioso	74	2.87	107	.58
	Religioso	35	2.82		

Como se verifica através da análise estatística *t* de *Student* para cada uma das dimensões medidas, não são encontradas diferenças significativas, isto é, em nenhum caso se verifica  $p < .05$  entre respondentes religiosos e não religiosos no que respeita à identidade LGBTQ+ positiva.

Dado o tamanho da amostra ( $n = 116$ ) realizaram-se testes Qui-quadrado de independência no sentido de corroborar os resultados obtidos.

**Tabela 5**

*Avaliação da Identidade Positiva em função do Posicionamento Religioso – Dimensão Autoconsciência*

Crosstab

Posicionamento Religioso		1.00 <sup>a</sup>	2.00 <sup>b</sup>	3.00 <sup>c</sup>	Total
Não Religiosos	Count	2	10	61	73
	Expected Count	3.3	8.7	60.9	73.0
	Adjusted Residual	-1.3	.8	.0	
Religiosos	Count	3	3	30	36
	Expected Count	1.7	4.3	30.1	36.0
	Adjusted Residual	1.3	-.8	.0	
Total	Count	5	13	91	109
	Expected Count	5.0	13.0	91.0	109.0

*Nota.* A avaliação foi realizada através dos intervalos de respostas <sup>a</sup> intervalo de respostas de 1 a 3 (discordo totalmente a discordo até certo ponto); <sup>b</sup> intervalo de respostas correspondente a 4 (não concordo nem discordo); <sup>c</sup> intervalo de respostas de 5 a 7 (concordo até certo ponto a concordo totalmente).

Chi-Square

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	2.22 <sup>a</sup>	2	.32
Likelihood Ratio	2.14	2	.34
Linear-by-Linear Association	.31	1	.57
N of Valid Cases	109		

Nota. <sup>a</sup> 3 células (50.0%) têm uma contagem esperada menor que 5. O valor mínimo esperado é 1.65.

Tendo em conta que  $p = .32$ , valor do teste Qui-quadrado de independência, é superior aos níveis de significância usuais ( $>.05$ ), conclui-se que não existe associação entre as duas categorias. Apresenta-se, pois, que o ter afiliação religiosa não tem impacto na dimensão autoconsciência.

**Tabela 6**

*Avaliação da Identidade Positiva em função do Posicionamento Religioso – Dimensão Autenticidade*

Crosstab

Posicionamento Religioso		1.00 <sup>a</sup>	2.00 <sup>b</sup>	3.00 <sup>c</sup>	Total
Não Religiosos	Count	3	4	67	74
	Expected Count	2.7	3.4	67.9	74.0
	Adjusted Residual	-1.3	.8	.0	
Religiosos	Count	1	1	34	36
	Expected Count	1.3	1.6	33.1	36.0
	Adjusted Residual	-.3	-.86	.7	
Total	Count	4	5	101	110
	Expected Count	4.0	5.0	101.0	110.0

Nota. A avaliação foi realizada através dos intervalos de respostas <sup>a</sup> intervalo de respostas de 1 a 3 (discordo totalmente a discordo até certo ponto); <sup>b</sup> intervalo de respostas correspondente a 4 (não concordo nem discordo); <sup>c</sup> intervalo de respostas de 5 a 7 (concordo até certo ponto a concordo totalmente).

Chi-Square

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	.51 <sup>a</sup>	2	.77
Likelihood Ratio	.55	2	.75
Linear-by-Linear Association	.36	1	.54

N of Valid Cases

110

Nota. <sup>a</sup> 4 células (66.7%) têm uma contagem esperada menor que 5. O valor mínimo esperado é 1.31.

Tendo em conta que  $p = .77$ , valor do teste Qui-quadrado de independência é maior que os níveis de significância usuais ( $>.05$ ), podemos concluir que não existe associação entre as duas categorias. Apresenta-se que ter afiliação religiosa não tem impacto na dimensão autenticidade.

**Tabela 7**

*Comparação da Identidade Positiva em função do Posicionamento Religioso – Dimensão Sentido de Comunidade*

Posicionamento Religioso		1.00 <sup>a</sup>	2.00 <sup>b</sup>	3.00 <sup>c</sup>	Total
Não Religiosos	Count	12	17	44	73
	Expected Count	12.8	14.9	45.3	73.0
	Adjusted Residual	-.5	1.1	-.5	
Religiosos	Count	7	5	23	35
	Expected Count	6.2	7.1	21.7	35.0
	Adjusted Residual	.5	-1.1	.5	
Total	Count	19	22	67	108
	Expected Count	19.0	22.0	67.0	108.0

Nota. A avaliação foi realizada através dos intervalos de respostas <sup>a</sup> intervalo de respostas de 1 a 3 (discordo totalmente a discordo até certo ponto); <sup>b</sup> intervalo de respostas correspondente a 4 (não concordo nem discordo); <sup>c</sup> intervalo de respostas de 5 a 7 (concordo até certo ponto a concordo totalmente).

Chi-Square

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	1.22 <sup>a</sup>	2	.54
Likelihood Ratio	1.28	2	.52
Linear-by-Linear Association	.01	1	.90
N of Valid Cases	108		



Nota. <sup>a</sup> 0 células (0.0%) tem uma contagem esperada menor que 5. O valor mínimo esperado é 6.16.

Tendo em conta que  $p = .54$ , valor do teste Qui-quadrado de independência é maior que os níveis de significância usuais ( $>.05$ ), podemos concluir que não existe associação entre as duas categorias. Apresenta-se que ter afiliação religiosa não tem impacto na dimensão sentido de comunidade.

**Tabela 8**

*Comparação da Identidade Positiva em função do Posicionamento Religioso – Dimensão Intimidade*

Crosstab

Posicionamento Religioso		1.00 <sup>a</sup>	2.00 <sup>b</sup>	3.00 <sup>c</sup>	Total
Não Religiosos	Count	6	14	54	74
	Expected Count	6.1	19.0	48.9	74.0
	Adjusted Residual	-.1	-2.4	2.2	
Religiosos	Count	3	14	18	35
	Expected Count	2.9	9	23.1	35.0
	Adjusted Residual	.1	2.4	-2.2	
Total	Count	9	28	72	109
	Expected Count	9.0	28.0	72.0	109.0

Nota. A avaliação foi realizada através dos intervalos de respostas a intervalo de respostas de 1 a 3 (discordo totalmente a discordo até certo ponto); b intervalo de respostas correspondente a 4 (não concordo nem discordo); o intervalo de respostas de 5 a 7 (concordo até certo ponto a concordo totalmente).

Chi-Square

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	5.78 <sup>a</sup>	2	.05
Likelihood Ratio	5.58	2	.06
Linear-by-Linear Association	2.78	1	.09
N of Valid Cases	109		

Nota. <sup>a</sup> 1 célula (16.7%) tem uma contagem esperada menor que 5. O valor mínimo esperado é 2.89.

Tendo em conta o valor do teste Qui-quadrado de independência  $p = .05$ , conclui-se que poderá existir uma associação entre as duas categorias. Afigura-se, pois, a possibilidade da afiliação religiosa ter impacto na dimensão intimidade.

**Tabela 9**

*Avaliação da Identidade Positiva em função do Posicionamento Religioso – Dimensão Justiça Social*

Crosstab

Posicionamento Religioso		1.00 <sup>a</sup>	2.00 <sup>b</sup>	3.00 <sup>c</sup>	Total
Não Religiosos	Count	3	3	68	74
	Expected Count	2.7	4.8	66.5	74.0
	Adjusted Residual	.3	-1.5	1.0	
Religiosos	Count	1	4	30	35
	Expected Count	1.3	2.2	31.5	35.0
	Adjusted Residual	-.3	1.5	-1.0	
Total	Count	4	7	98	109
	Expected Count	4.0	7.0	98.0	109.0

*Nota.* A avaliação foi realizada através dos intervalos de respostas <sup>a</sup> intervalo de respostas de 1 a 3 (discordo totalmente a discordo até certo ponto); <sup>b</sup> intervalo de respostas correspondente a 4 (não concordo nem discordo); o intervalo de respostas de 5 a 7 (concordo até certo ponto a concordo totalmente).

Chi-Square

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	2.20 <sup>a</sup>	2	.33
Likelihood Ratio	2.05	2	.35
Linear-by-Linear Association	.30	1	.58
N of Valid Cases	109		

*Nota.* <sup>a</sup> 4 células (66,7%) tem uma contagem esperada menor que 5. O valor mínimo esperado é 1.28.

Tendo em conta que  $p = .33$ , valor do teste Qui-quadrado de independência é maior que os níveis de significância usuais ( $>.05$ ), podemos concluir que não existe associação entre as duas categorias. Apresenta-se que ter afiliação religiosa não tem impacto na dimensão justiça social.

### 4.3. Avaliação da abertura em função do posicionamento religioso

O Inventário de Abertura (OI) contempla abertura à família, abertura ao mundo e abertura à comunidade religiosa.

A descrição detalhada da medida de abertura relacionada com o posicionamento religioso é apresentada na Tabela 13.

**Tabela 10**

*Avaliação da Abertura em função do Posicionamento Religioso*

<i>Dimensões</i>	<i>Posicionamento Religioso</i>	<i>n</i>	<i>M</i>	<i>df</i>	<i>p</i>
Abertura: Família	Não religioso	64	2.14	87	.23
	Religioso	25	2.38		
Abertura: Mundo	Não religioso	64	2.20	87	.97
	Religioso	25	2.20		
Abertura: Comunidade Religiosa	Não religioso	61	1.18	83	-
	Religioso	24	1.62		

A análise estatística *t* de *Student* realizada para cada uma das dimensões permitiu verificar que na dimensão abertura à comunidade religiosa se regista uma diferença significativa em que  $p < .001$

**Tabela 11**

*Avaliação da Abertura em função do Posicionamento Religioso – Dimensão Família*

Crosstab

Posicionamento Religioso		1.00 <sup>a</sup>	2.00 <sup>b</sup>	3.00 <sup>c</sup>	Total
Não Religiosos	Count	3	49	12	64
	Expected Count	2.9	46.7	14.4	64.0
	Adjusted Residual	.1	1.2	-1.3	
Religiosos	Count	1	16	8	25
	Expected Count	1.1	18.3	5.6	25.0
	Adjusted Residual	-.1	-1.2	1.3	
Total	Count	4	65	20	89
	Expected Count	4.0	65.0	20.0	89.0

*Nota.* A Abertura Positiva em função do Posicionamento Religioso foi avaliada através dos intervalos de respostas <sup>a</sup> corresponde a 0 (não se aplica à minha situação); <sup>b</sup> intervalo de respostas de 1 a 4 (esta pessoa definitivamente não conhece a sua orientação sexual a esta pessoa provavelmente conhece a sua orientação sexual mas raramente se fala sobre isso); <sup>c</sup> intervalo de respostas de 5 a 7 (esta pessoa definitivamente conhece a sua orientação sexual mas raramente se fala sobre isso a esta pessoa definitivamente conhece a sua orientação sexual e fala-se abertamente sobre isso).

#### Chi-Square

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	1.81 <sup>a</sup>	2	.40
Likelihood Ratio	1.72	2	.42
Linear-by-Linear Association	1.45	1	.22
N of Valid Cases	89		

*Nota.* <sup>a</sup> 2 células (33.3%) tem uma contagem esperada menor que 5. O valor mínimo esperado é 1.12.

Tendo em conta que  $p = .40$ , valor do teste Qui-quadrado de independência, é maior que os níveis de significância usuais ( $>.05$ ), pode concluir-se que não existe associação entre as duas categorias. Apresenta-se que ter afiliação religiosa não tem impacto na dimensão Abertura à família.

**Tabela 15**

*Avaliação da Abertura em função do Posicionamento Religioso – Dimensão Mundo*

Crosstab

Posicionamento Religioso		1.00 <sup>a</sup>	2.00 <sup>b</sup>	3.00 <sup>c</sup>	Total
Não Religiosos	Count	3	45	16	64
	Expected Count	2.2	46.7	15.1	64.0
	Adjusted Residual	1.1	-.9	.5	
Religiosos	Count	0	20	5	25
	Expected Count	.8	18.3	5.9	25.0
	Adjusted Residual	-1.1	.9	-.5	
Total	Count	3	65	21	89
	Expected Count	3.0	65.0	21.0	89.0

*Nota.* A Abertura Positiva em função do Posicionamento Religioso foi avaliada através dos intervalos de respostas <sup>a</sup> corresponde a 0 (não se aplica à minha situação); <sup>b</sup> intervalo de respostas de 1 a 4 (esta pessoa definitivamente não conhece a sua orientação sexual a esta pessoa provavelmente conhece a sua orientação sexual, mas raramente se fala sobre isso); <sup>c</sup> intervalo de respostas de 5 a 7 (esta pessoa definitivamente conhece a sua orientação sexual mas raramente se fala sobre isso a esta pessoa definitivamente conhece a sua orientação sexual e fala-se abertamente sobre isso).

Chi-Square

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	1.59 <sup>a</sup>	2	.45
Likelihood Ratio	2.40	2	.30
Linear-by-Linear Association	.001	1	.97
N of Valid Cases	89		

*Nota.* <sup>a</sup> 2 células (33.3%) tem uma contagem esperada menor que 5. O valor mínimo esperado é de .84.

Tendo em conta que  $p = .45$ , valor do teste Qui-quadrado de independência, é maior que os níveis de significância usuais ( $>.05$ ), podemos concluir que não existe associação entre as duas categorias. Apresenta-se que ter afiliação religiosa não tem impacto na dimensão Abertura ao mundo.

**Tabela 13**

*Avaliação da Abertura em função do Posicionamento Religioso – Dimensão Comunidade Religiosa*

Crosstab

Posicionamento Religioso		1.00 <sup>a</sup>	2.00 <sup>b</sup>	3.00 <sup>c</sup>	Total
Não Religiosos	Count	50	11	0	61
	Expected Count	45.2	12.9	2.9	61.0
	Adjusted Residual	2.6	-1.1	-3.3	
Religiosos	Count	13	7	4	24
	Expected Count	17.8	5.1	1.1	24.0
	Adjusted Residual	-2.6	1.1	3.3	
Total	Count	63	18	4	85
	Expected Count	63.0	18.0	4.0	85.0

*Nota.* A Abertura Positiva em função do Posicionamento Religioso foi avaliada através dos intervalos de respostas <sup>a</sup> corresponde a 0 (não se aplica à minha situação); <sup>b</sup> intervalo de respostas de 1 a 4 (esta pessoa definitivamente não conhece a sua orientação sexual a esta pessoa provavelmente conhece a sua orientação sexual mas raramente se fala sobre isso); <sup>c</sup> intervalo de respostas de 5 a 7 (esta pessoa definitivamente conhece a sua orientação sexual mas raramente se fala sobre isso a esta pessoa definitivamente conhece a sua orientação sexual e fala-se abertamente sobre isso).

Chi-Square

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	12.97 <sup>a</sup>	2	.002
Likelihood Ratio	12.97	2	.002

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Linear-by-Linear Association	10.98	1	<.001
N of Valid Cases	85		

Nota. <sup>a</sup> 2 células (33.3%) tem uma contagem esperada menor que 5. O valor mínimo esperado é 1.13.

Tendo em conta que  $p = .002$ , valor do teste Qui-quadrado de independência, é inferior aos níveis de significância usuais ( $>.05$ ), podemos concluir que existe associação entre as duas categorias. Apresenta-se que a religião tem impacto na dimensão Abertura à Comunidade Religiosa.

#### 4.4. Avaliação da centralidade religiosa em função do posicionamento religioso

A escala de centralidade religiosa é usada para medir o impacto do conteúdo religioso na experiência subjetiva e no comportamento dos indivíduos.

A descrição detalhada da medida de centralidade religiosa em função do posicionamento religioso é apresentada na Tabela 17

**Tabela 14**

*Avaliação da Centralidade Religiosa em função do Posicionamento Religioso*

	Posicionamento Religioso	n	M	df	p
Centralidade	Não Religioso	71	1.65	105	<.001
Religiosa	Religioso	36	3.15		

Partindo da análise estatística de  $t$  de *Student*, há uma diferença significativa sendo  $p < .001$ , no qual os não religiosos selecionaram em média a resposta 2 “Raramente” e os religiosos optaram em média pela resposta 3 “Ocasionalmente”.

**Tabela 15**

*Avaliação da Centralidade Religiosa em função do Posicionamento Religioso*

## Crosstab

Posicionamento Religioso		1.00 <sup>a</sup>	2.00 <sup>b</sup>	Total
Não Religiosos	Count	62	9	71
	Expected Count	45.1	25.9	71.0
	Adjusted Residual	7.2	-7.2	
Religiosos	Count	6	30	36
	Expected Count	22.9	13.1	36.0
	Adjusted Residual	-7.2	7.2	
Total	Count	68	39	107
	Expected Count	68.0	39.0	107.0

*Nota.* A Centralidade Religiosa em função do Posicionamento Religioso foi avaliada através dos intervalos de respostas <sup>a</sup> intervalo de respostas de 1 a 2 (não religiosos); <sup>b</sup> intervalo de respostas de 2.1 a 5 (religiosos).

## Chi-Square

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	51.48 <sup>a</sup>	1	<.001
Likelihood Ratio	53.94	1	<.001
Linear-by-Linear Association	51.00	1	<.001
N of Valid Cases	107		

*Nota.* <sup>a</sup> 0 células (0.0%) tem uma contagem esperada menor que 5. O valor mínimo esperado é de 13.12.

Tendo em conta que  $p = <.001$ , valor do teste Qui-quadrado de independência, é inferior aos níveis de significância usuais ( $>.05$ ), podemos concluir que existe associação entre as duas categorias. Apresenta-se que a religião tem impacto na centralidade religiosa.



#### 4.5. Avaliação da homofobia internalizada em função do posicionamento religioso

A escala de avaliação da homofobia internalizada procura avaliar o grau em que as pessoas LGBTQ+ rejeitam a sua orientação sexual, estão desconfortáveis com os seus desejos pelo mesmo sexo e procuram evitar atração pelo mesmo sexo.

Realizada a análise estatística de *t* de *Student*, verifica-se, na Tabela 19, que no que trata a homofobia internalizada não há diferenças significativas, estando o valor acima de  $p < .05$ .

**Tabela 16**

*Avaliação da Homofobia Internalizada em função do Posicionamento Religioso*

	Posicionamento Religioso	<i>n</i>	M	df	<i>p</i>
Homofobia Internalizada	Não Religioso	69	1.10	103	.47
	Religioso	36	1.05		

**Tabela 17**

*Avaliação da Homofobia Internalizada em função do Posicionamento Religioso*

Crosstab

Posicionamento Religioso		1.00 <sup>a</sup>	2.00 <sup>b</sup>	3.00 <sup>c</sup>	Total
Não Religiosos	Count	63	5	1	69
	Expected Count	63.7	4.6	.7	69.0
	Adjusted Residual	-.6	.3	.7	
Religiosos	Count	34	2	0	36
	Expected Count	33.3	2.4	.3	36.0
	Adjusted Residual	.6	-.3	-.7	
Total	Count	97	7	1	105
	Expected Count	97.0	7.0	1.0	105.0

*Nota.* A Homofobia Internalizada em função do Posicionamento Religioso foi avaliada através dos intervalos de respostas <sup>a</sup> intervalo de respostas de 1 a 2 (de discordo totalmente a discordo); <sup>b</sup> intervalo de respostas de 3 (não concordo nem discordo); <sup>c</sup> intervalo de respostas de 4 a 5 (de concordo a concordo totalmente).

#### Chi-Square

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	.64 <sup>a</sup>	2	.72
Likelihood Ratio	.96	2	.61
Linear-by-Linear Association	.50	1	.47
N of Valid Cases	105		

*Nota.* <sup>a</sup> 4 células (66.7%) tem uma contagem esperada menor que 5. O valor mínimo esperado é de .34.

Tendo em conta que  $p = .72$ , valor do teste Qui-quadrado de independência, é maior que os níveis de significância usuais ( $>.05$ ), podemos concluir que não existe associação entre as duas categorias. Apresenta-se que ter afiliação religiosa não tem impacto na homofobia internalizada.

## V. DISCUSSÃO

Com o objetivo principal de estudar a relação entre posicionamento religioso e homofobia internalizada em pessoas LGBTQ+, este trabalho explorou a associação entre identidade positiva e as suas dimensões de autoconsciência, autenticidade, sentido de comunidade, intimidade e justiça social; abertura quanto à sua orientação sexual nas dimensões de família, mundo e comunidade religiosa; homofobia internalizada e centralidade religiosa em função do posicionamento religioso.

A análise das características sociodemográficas, num país ao mesmo tempo secularizado, religioso e católico (Dix, 2010) permite constatar que a maioria dos/as respondentes se afirma “não religioso/a” ( $n = 78$ ), correspondendo a 67.2 % do total de participantes ( $n = 116$ ). Estes valores corroboram a (H1) de que existe uma maior

representatividade na amostra de pessoas sem afiliação religiosa do que pessoas com afiliação religiosa. Simultaneamente, atesta-se a (H2) de que existe uma maior representatividade ( $n = 28$ ) na subamostra de pessoas religiosas cuja afiliação é católica, 23.7%, indo ao encontro de estudos que reconhecem o catolicismo como o grupo religioso predominante em Portugal (Moleiro et al., 2013).

No que respeita à avaliação da identidade positiva, são rejeitadas as hipóteses (H3a) a identidade positiva dos indivíduos LGBTQ+ é afetada pela religião, a (H3b) na dimensão de sentido de comunidade e (H3c) na dimensão de intimidade. Ainda que não se verifiquem diferenças significativas em função do posicionamento religioso, em nenhuma das cinco dimensões aprofundadas, a realização do teste não paramétrico do Qui-quadrado sugere uma influência da religião na dimensão da intimidade.

Quanto à avaliação da revelação da orientação sexual, os resultados expressam a existência de uma diferença estatisticamente significativa em função do posicionamento religioso na dimensão abertura à comunidade religiosa. São rejeitadas as hipóteses (H4a) a abertura quanto à orientação sexual é superior nos indivíduos não religiosos do que nos indivíduos religiosos, (H4b) na dimensão de abertura à família, (H4c), na dimensão de abertura ao mundo, (H4d) na dimensão de abertura à comunidade. No que respeita a esta última hipótese (H4d), o resultado é expetável dado não existir uma situação de pertença ou compromisso com uma comunidade da sua orientação sexual e que, não havendo abertura para o assumir explicitamente, o assunto não é falado. A hipótese estabelecida é validada. Ainda assim, é de considerar, em estudos futuros, que, apesar dos participantes religiosos apresentarem uma abertura superior nesta dimensão, a análise da globalidade das suas respostas sugere como apenas provável que a comunidade religiosa tenha conhecimento.

No âmbito da centralidade religiosa, registam-se diferenças significativas entre os dois grupos. A centralidade religiosa é superior nos/nas participantes religiosos/as e é validada a hipótese enunciada (5) a centralidade religiosa é superior nos indivíduos religiosos do que nos indivíduos não religiosos. É de registar que as respostas dos participantes não religiosos sugerem a presença de significados religiosos na sua vida, nomeadamente na questão “até que ponto acredita que Deus/deuses ou algo de divino existe”. Deste modo, corrobora-se a (H6) a religião e/ou espiritualidade fazem parte da vida de indivíduos não religiosos. Este resultado é conforme a estudos anteriores cujos resultados demonstraram que 93% dos cidadãos

portugueses possuem algum tipo de crença espiritual ou religiosa e apenas 6% reporta não ter qualquer tipo de crença (Moleiro et al., 2013).

No que concerne à avaliação da homofobia internalizada, os resultados deste estudo rejeitam a hipótese apresentada (H7) a homofobia internalizada é superior em indivíduos religiosos do que em indivíduos não religiosos. Não se confirma, de acordo com o que poderia ser expectável para a sociedade portuguesa, a percepção de que existe uma associação entre religião e homofobia internalizada em pessoas LGBTQ+.

### 5.1. Limitações

O estudo realizado apresenta uma primeira limitação que se prende com o facto de a amostra ser reduzida. O número de respondentes, se não suficientemente lato, condiciona a análise dos resultados e das associações entre as variáveis.

O facto do questionário ter sido disponibilizado exclusivamente *online*, num período agastado pelas preocupações com uma situação pandémica, de estar disponível durante um período de tempo considerado curto e ainda as parcas estratégias de divulgação, obviaram à formação de uma maior amostra.

Seria pertinente para este ou estudos futuros, poder contar com um maior número de participantes com diferentes afiliações religiosas. A complementaridade de estudos longitudinais que permitam conhecer o contexto sociocultural dos participantes e como é percecionado o impacto da tradição e das normas morais, enriqueceria a leitura dos resultados.

## VI. CONCLUSÃO

No termo deste estudo, conclui-se que, de um modo geral, as análises realizadas não confirmam a percepção de que existe uma associação entre religião e homofobia internalizada em pessoas LGBTQ+.

Registam-se duas exceções concernentes à avaliação da centralidade religiosa, e da abertura à comunidade religiosa, mostrando associações estaticamente significativas em função do posicionamento religioso.

Foram assim cumpridos os objetivos delineados para este estudo, sendo de considerar a complementaridade de estudos e abordagens qualitativas sobre as temáticas versadas, conducentes a um maior conhecimento sobre a comunidade LGBTQ+. O acesso ao significado real das vivências, dificuldades e conflitos, de minorias sexuais e de género em diferentes contextos e especificamente na dimensão da religião e/ou espiritualidade, seria de grande importância para a construção e consolidação deste conhecimento.

## Referências

- Alden, H. L., & Parker, K. F. (2005). Gender role ideology, homophobia and hate crime: Linking attitudes to macro-level antigay and lesbian hate crimes. *Deviant Behavior*, 26 (4), 321-343. <https://doi.org/10.1080/016396290931614>
- American Psychiatric Association & American Psychiatric Publishing. (1973). *Homosexuality and sexual orientation disturbance : proposed change in dsm-ii 6th printing page 44 position statement (retired)*. American Psychiatric Association. Retrieved September 11 2022 from <http://www.psychiatryonline.com>.
- American Psychological Association. (2015). Guidelines for psychological practice with transgender and gender nonconforming people. *American Psychologist*, 70(9), 832–864. <https://doi.org/10.1037/a0039906>
- Barnes, D. M., & Meyer, I. H. (2012). Religious affiliation, internalized homophobia, and mental health in lesbians, gay men, and bisexuals. *American Journal of Orthopsychiatry*, 82(4), 505–515. <https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.2012.01185.x>
- Bastos, R. A. (2020). *(in)Satisfação com a Identidade em Pessoas LGB e Variáveis Familiares: A Importância da Abertura à Família*. [Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação]. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/94445>.
- Belmonte, L. (2021). *The International LGBT Rights Movement. A History*. Bloomsbury Academic.
- Clarke, V., Ellis, S., Peel, E., & Riggs, D. (2010). *Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Queer Psychology: An Introduction*. Cambridge University Press. [doi:10.1017/CBO9780511810121](https://doi.org/10.1017/CBO9780511810121).

Dix, S. (2010). As esferas seculares e religiosas na sociedade portuguesa. *Análise Social*, 45(194), 5–27. <http://www.jstor.org/stable/41012781>

Fernandes, M., Reis, E., & Moleiro, C. (2021). Conflict between religious/spiritual and LGB identities in Portugal: How is it related to coming out experiences, LGB identity dimensions and well-being? *Psychology of Religion and Spirituality*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1037/rel0000455>

FRA - European Union Agency for Fundamental Rights (2020). *A long way to go for LGBTI equality*. [https://fra.europa.eu/sites/default/files/fra\\_uploads/fra-2020-lgbti-equality-1\\_en.pdf](https://fra.europa.eu/sites/default/files/fra_uploads/fra-2020-lgbti-equality-1_en.pdf)

Frazão, P., & Rosário, R. (2008). O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares. *Análise Psicológica*, 1(26), 25–45. [https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/6092/1/2008\\_26%281%29\\_25.pdf](https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/6092/1/2008_26%281%29_25.pdf)

Frost, D. M., & Meyer, I. H. (2009). Internalized Homophobia and Relationship Quality among Lesbians, Gay Men, and Bisexuals. *Journal of counseling psychology*, 56(1), 97–109. <https://doi.org/10.1037/a0012844>

Gato, J., Carneiro, N. S., & Fontaine, A. M. (2011). Contributo para uma revisão histórica e crítica do preconceito contra as pessoas não heterossexuais. *Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política*, 1(1), 139-167. <https://repositorio.aberto.up.pt/bitstream/10216/56644/2/85797.PDF>

Gato, J. (2022). Discriminação contra Pessoas LGBTI+: Uma Revisão de Literatura Nacional e Internacional. In *Estudo nacional sobre necessidades das pessoas LGBTI e sobre a discriminação em razão da orientação sexual, identidade e expressão de género e*

*características sexuais* (Gabinete de Apoio para a Igualdade e não Discriminação (GIND), Divisão de Documentação e Informação (DDI)). Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. <https://hdl.handle.net/10216/141331>

Hendricks, M.I., & Testa, R.J. (2012). A conceptual framework for clinical work with with transgender and gender nonconforming clients: An adaptation of the minority stress model. *Professional Psychology: Research and Practice*, 43(5), 460-467. <https://doi.org/10.1037/a0029597>

Herek, G. M. (2000). Homosexuality. In A. E. Kazdin (Ed.), *Encyclopedia of psychology* (pp. 149-153). American Psychological Association & Oxford University Press

Herek, G. M. (2004). Beyond "Homophobia": Thinking About Sexual Prejudice and Stigma in the Twenty-First Century. *Sexuality Research & Social Policy: A Journal of the NSRC*, 1(2), 6–24. <https://doi.org/10.1525/srsp.2004.1.2.6>

Herek, G. M. (2009). Sexual stigma and sexual prejudice in the United States: A conceptual framework. Em D. Hope (Ed.), *Contemporary perspectives on lesbian, gay, and bisexual identities* (pp. 65-111).

Herek, G. M. (2010). Sexual Orientation Differences as Deficits: Science and Stigma in the History of American Psychology. *Perspectives on Psychological Science*, 5(6), 693–699. <https://doi.org/10.1177/1745691610388770>

Huber, S., & Huber, O. W. (2012). The Centrality of Religiosity Scale (CRS). *Religions*, 3(3), 710–724. <https://doi.org/10.3390/rel3030710>



ILGA-Portugal (2020). *Relatório Anual 2019 Discriminação contra pessoas LGBTI+*. [https://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/observatorio/ILGA\\_Relatorio\\_Discriminacao\\_2019.pdf](https://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/observatorio/ILGA_Relatorio_Discriminacao_2019.pdf)

Instituto Nacional de Estatística. (2022). *Censos 2011*.

[https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011\\_apresentacao](https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011_apresentacao)

Junqueira, R. (2007). Homofobia: Limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas.

*Bagoas. Estudos Gays: Géneros E Sexualidades*, 1(01).

<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2256>

Meyer, I. H. & Dean, L. (1995). Patterns of Sexual Risk Behavior and Risk Taking among Young New York City Gay Men. *AIDS Education and Prevention: official publication of the International Society for AIDS Education*, 7(5 Suppl), 13–23. 7, 13–23.

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/8664094/>

Meyer, I., & Dean, L. (1998). Internalized homophobia, intimacy, and sexual behavior among gay and bisexual men. In G. M. Herek (Ed.), *Stigma and sexual orientation: Understanding prejudice against lesbians, gay men, and bisexuals* (Vol. 4, pp. 160-186). SAGE Publications, Inc., <https://dx.doi.org/10.4135/9781452243818.n8>

Meyer, I. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, pp. 129, 647-679. <https://doi.org/doi:10.1037/0033-2909.129.5.674>

Meyer, I. H. (2015). Resilience in the study of minority stress and health of sexual and gender minorities. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 2(3), 209–213. <https://doi.org/10.1037/sgd0000132>

Meidlinger, P. C., & Hope, D. A. (2014). Differentiating disclosure and concealment in measurement of outness for sexual minorities: The Nebraska Outness Scale. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity, 1*(4), 489–497.

<https://doi.org/10.1037/sgd0000080>

Mohr, J., & Fassinger, R. (2000). Measuring dimensions of lesbian and gay male experience. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development, 33*(2), 66-90

<https://doi.org/10.1080/07481756.2000.12068999>

Moleiro, C., Pinto, N. & Freire, J. (2013). Effects of Age on Spiritual Well-Being and Homonegativity: Religious Identity and Practices among LGB Persons in Portugal. *Journal of Religion, Spirituality and Aging, 25*, 93-111. <https://doi.org/10.1080/15528030.2012.741561>

National Sexual Violence Resource Center (NSVRC) & Pennsylvania Coalition Against Rape (PCAR). (2012). The process of coming out: sexual violence & individuals who identify as LGBTQ. *United States: Department of Justice*.

[https://www.nsvrc.org/sites/default/files/2012-09/Publications\\_NSVRC\\_Guides\\_Process-Coming-Out.pdf](https://www.nsvrc.org/sites/default/files/2012-09/Publications_NSVRC_Guides_Process-Coming-Out.pdf)

Ordem dos Psicólogos Portugueses. (2017) *Guia Orientador da Intervenção Psicológica Com Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais e Trans (LGBT)*.

[https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/guidelines\\_opp\\_lgbt\\_marco\\_2017.pdf](https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/guidelines_opp_lgbt_marco_2017.pdf)

Pereira, H., & Leal, I. (2005). Medindo a homofobia internalizada: A validação de um instrumento. *Análise Psicológica, 23*(3), 323-328. <http://hdl.handle.net/10400.12/191>

- Pereira, H., Leal, I., & Maroco, J. (2010). Measuring sexual orientation of a portuguese gay, lesbian and bisexual internet sample. *Psychology of Sexualities Review*, 1(1), 74-84. <http://hdl.handle.net/10400.12/1576>
- Plous, S. (2003). The psychology of prejudice, stereotyping, and discrimination: An overview. In S. Plous (Ed.), *Understanding prejudice and discrimination* (pp. 3–48). McGraw-Hill.
- Riggle, E. D. B., Mohr, J. J., Rostosky, S. S., Fingerhut, A. W., & Balsam, K. F. (2014). A multifactor Lesbian, Gay, and Bisexual Positive Identity Measure (LGB-PIM). *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 1(4), 398–411. <https://doi.org/10.1037/sgd0000057>
- Rios, R. (2009). Homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre o preconceito e discriminação. In R. Junqueira (Org.), *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas* (pp. 52- 83). Secad/MEC e UNESCO.
- Ritter, K. Y. & Terndrup, A. I. (2002). *Handbook of Affirmative Psychotherapy of Lesbians and Gay Men*. Guilford Press
- Rosario, M., Schrimshaw, E. W., & Hunter, J. (2006). A model of sexual risk behaviors among young gay and bisexual men: Longitudinal associations of mental health, substance abuse, sexual abuse, and the coming-out process. *AIDS Education and Prevention*, 18(5), 444–460. <https://doi.org/10.1521/aeap.2006.18.5.444>
- Samis, S. M. (1995). *“An injury to one is an injury to all”: Heterosexism, homophobia and anti-gay/lesbian violence in greater Vancouver*. (Unpublished master’s thesis, Simon Fraser University). <https://core.ac.uk/download/pdf/56370971.pdf>

Teixeira, A. (2019). *Religião na Sociedade Portuguesa*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Vale de Almeida, M. (2010). O contexto LGBT em Portugal. In C. Nogueira & J. M. Oliveira (Orgs.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* (pp. 45-92). Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.